



COMPLEXO  
pequeno  
PRÍNCIPE

# MANUAL DE USO DO BOSQUE DO COMPLEXO PEQUENO PRÍNCIPE



**Execução**

MATER NATURA – Instituto de Estudos Ambientais  
Rua Emiliano Pernetta, nº 297 – Sala 122.  
CEP: 80.010-050. Centro – Curitiba/PR  
Contato: (41) 3013 7185

**Equipe Técnica**

Carolina R. C. Müller, *Bióloga*.  
Karina Luiza de Oliveira, *Bióloga*.  
Juliana Ventura de Pina, *Bióloga*.  
Valéria de Meira Albach, *Turismóloga*.  
Zulmeia Ferreira Pinheiro, *Turismóloga*.  
César Vincensi Gabbi Tavares,  
*Engenheiro Florestal*.  
Responsável pela elaboração do mapa.

**Curitiba**

Outubro/2024

**Realização:**

Associação Eunice Weaver do Paraná

**Direção Geral**

Carolina Pires Fossati Balaroti

**Gerente Geral**

José Álvaro da Silva Carneiro

**Apoio Técnico**

João Henrique Carneiro  
Rafael da Rosa Bruno

**Revisão**

João Henrique Carneiro

**Equipe de fiscalização**

Luiz Álvaro Forte Carneiro  
Juliana Montoya

Mantenedora do Complexo Pequeno Príncipe - Associação de Proteção à Infância Dr. Raul Carneiro

# MANUAL DE USO DO BOSQUE DO COMPLEXO PEQUENO PRÍNCIPE



COMPLEXO  
pequeno  
PRÍNCIPE

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>6</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>8</b>
<b>Caracterização da área</b> .....	<b>10</b>
<b>Objetivos do Uso do Bosque</b> .....	<b>14</b>
Diretrizes.....	<b>14</b>
1. Diretrizes gerais.....	<b>14</b>
2. Diretrizes para a interpretação ambiental.....	<b>18</b>
3. Diretrizes para a condução de visitantes.....	<b>21</b>
4. Diretrizes para instituições parceiras/prestadoras de serviços.....	<b>22</b>
5. Diretrizes para a segurança durante a visitaçao.....	<b>24</b>
<b>Recomendações para a prática responsável das atividades de visitaçao</b> .....	<b>26</b>
1. Recomendações gerais para os visitantes.....	<b>27</b>
2. Recomendações para as instituições parceiras/prestadores de serviço.....	<b>28</b>

<b>Normas de uso do Bosque Pequeno Príncipe</b> .....	<b>30</b>
Normas Gerais do Funcionamento.....	<b>30</b>
Das Atividades Permitidas.....	<b>32</b>
Das Obrigações e Vedações.....	<b>32</b>
Das Limitações.....	<b>34</b>
<b>Normas e Recomendações Específicas para as Trilhas</b> .....	<b>36</b>
Trilha das Epífitas.....	<b>40</b>
Trilha do Aeroporto.....	<b>46</b>
Trilha das Borboletas.....	<b>52</b>
<b>Normas de uso do Bosque para os escoteiros do grupo Jorge Frassati</b> .....	<b>58</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>60</b>

# APRESENTAÇÃO



Sou nascido em Curitiba e por aqui passei toda a minha infância.

Posso afirmar que a paisagem de minha terra forjou minha identidade cultural, em convergência com os ensinamentos familiares e aqueles absorvidos nas escolas que aqui frequentei.

Ao longo da vida, me envolvi com a defesa de um meio ambiente equilibrado, com ênfase em temas locais como o “Alto Iguaçu” e a necessidade de conservação da Floresta Ombrófila Mista, ou simplificando, a “Mata das Araucárias”.

Já na maturidade, a vida profissional me proporciona a excepcional oportunidade de conduzir um grande projeto, que inclui os cuidados e enriquecimento biológico de um bosque nativo e a implantação de um Jardim Botânico. **Trabalhar a paisagem oferecendo um espaço de fruição de um ambiente construído, tanto do ponto de vista estético como da oferta de informação de conhecimento, é uma situação muito única.**

Debater o usufruto futuro pelos visitantes destes projetos e estabelecer critérios e limites, contando com equipe competente, experiente e motivada foi mais que prazeroso, foi enorme realização.

Este manual é um termo de referência para o detalhamento de diversos projetos, todos com foco em acolher nossos futuros visitantes com alegria, segurança e alta qualidade, conscientes que queremos transmitir respeito e amor pela natureza que nos cerca.

Bom proveito.

**José Álvaro da Silva Carneiro**

## INTRODUÇÃO



O Complexo Hospitalar de Ensino e Pesquisa Pequeno Príncipe, localizado no bairro Bacacheri, Curitiba/PR, possui uma área de Bosque Natural, com alta biodiversidade, sendo um local de amostra significativa do bioma Mata Atlântica e de ecossistemas associados, como campos naturais. Essa área urbana natural tem por função a conservação e recuperação da fauna e flora locais. Também é uma área com potencial educativo, podendo contribuir para a sensibilização da comunidade em geral quanto à importância da preservação de ambientes naturais. Cabe destacar, ainda, a oportunidade de integrar arte e natureza, com contemplações nos bosques e no Jardim Botânico (futura instalação), sendo atualmente uma tendência mundial em bosques públicos e jardins botânicos.

O Bosque está localizado onde será construído o Campus Integrado Pequeno Príncipe – Juril Carnasciali, composto por um conjunto de edificações de interesse público, as quais abrangerão: a atenção integral e o cuidado especializado de assistência por unidades de saúde (ambulatório, hospital e cuidados paliativos); a geração do conhecimento científico e a expansão educacional

por unidades de pesquisa e ensino (faculdades/instituto de pesquisa, centro de pós-graduação); e a convivência sociocultural por unidade de cultura (centro cultural: Museu da Criança); entre outros.

Atividades de contemplação, de lazer e de educação ambiental serão desenvolvidas no Bosque Pequeno Príncipe, porém, como se trata de uma área singular e que tem parcelas significativas do bosque em áreas de preservação permanente (APP), torna-se essencial estabelecer um regramento de uso para tornar a atividade sustentável. Portanto, o presente Manual tem por objetivo apresentar normas de uso da área, visando tanto à segurança dos visitantes como à proteção dos ambientes naturais.

Para a elaboração do presente documento, a equipe técnica realizou trabalho de campo, com visitas às trilhas preexistentes, bem como percorreu trajetos no bosque para a sugestão de demarcação de futuras trilhas. Além disso, reuniões de alinhamento foram conduzidas com a equipe do Complexo Pequeno Príncipe, a fim de nivelar informações a respeito da expectativa de uso da área, bem como para levantar os potenciais usuários do Bosque.

O espaço do Bosque do Complexo Pequeno Príncipe será composto por um conjunto de trilhas, com diferentes atrativos para o público, além do Jardim Botânico. Portanto, o presente Manual é composto por diretrizes para um bom planejamento e funcionamento, por regras de normatização de uso geral da área do bosque e das trilhas específicas e de sugestões para conteúdo de interpretação ambiental e infraestrutura para as trilhas, que serão futuramente implementadas.

*Atividades de contemplação, de lazer e de educação ambiental serão desenvolvidas no Bosque Pequeno Príncipe*

## CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA



O Complexo Pequeno Príncipe será instalado em uma área de aproximadamente 20 ha ou 200.000 m<sup>2</sup>, situada no Bairro Bacacheri, zona norte do município de Curitiba (PR). Localizada na porção leste do Primeiro Planalto Paranaense, a cerca de 900 metros de altitude, o trecho está situada na região fitogeográfica da Floresta Ombrófila Mista. Parte de sua superfície é ocupada atualmente por um mosaico de diferentes fases da sucessão vegetal, variando de formações pioneiras à mata secundária, montana e aluvial.

A formação montana, mais conhecida como “Floresta com Araucárias” ou “Pinhais”, é entremeada por áreas campestres ou “Campos Limpos”, mais especificamente os “Campos de Curitiba” (Maack, 1968 *apud* Roderjan, 2014), denominadas de Estepe Gramíneo-lenhosa pelo sistema de classificação da vegetação brasileira do IBGE (Roderjan, *op. cit.*). A existência de pequenos enclaves de campo natural contribui para um significativo aumento da biodiversidade, proporcionando o belo espetáculo da concentração das borboletas que ocorre anualmente em abril.

As planícies aluviais são áreas sujeitas a inundações periódicas, as “várzeas” ou “brejos”, de formações pioneiras fluviolacustres. Ocorrem no lugar dois cursos d’água (córregos), que são geralmente emoldurados por comunidades arbóreas da Floresta Ombrófila Mista, na sua formação aluvial, popularmente denominadas “matas ciliares” ou “florestas de galeria”. Na porção norte da área do bosque, tem-se uma nascente.

Considerando-se a área total da propriedade, o Bosque com Floresta Ombrófila Mista em estágio médio de sucessão ecológica corresponde a 38,40%, a Floresta Ombrófila Mista em estágio inicial corresponde a 0,07%. As áreas de várzea (Formação Pioneira com Influência Fluviolacustre) e de campo (Estepe Gramíneo-lenhosa) revestem, juntas, aproximadamente 2% da superfície total. (Monteiro, 2024).

A análise multitemporal das imagens aéreas disponíveis demonstra que a cobertura florestal foi inteiramente removida, e a regeneração resultante continuou sendo alterada até a chegada do Complexo Pequeno Príncipe. Entretanto, chama a atenção a notável biodiversidade, constituída por um grande número de endemismos e espécies ameaçadas de extinção presentes no local. A explicação para o fato não está na qualidade da vegetação regenerada, mas aparentemente na diversidade de habitats, resultantes da combinação dos diferentes estágios sucessionais e também pela existência de pequenas zonas de tensão ecológica (ecótonos) ao redor das áreas de campo natural. Assim sendo, trata-se de local de equilíbrio frágil, exigindo cuidados rigorosos na implantação de infraestrutura e no controle do número de visitantes e suas atividades são essenciais para a sobrevivência desse ecossistema (Carneiro, 2024).

**Biodiversidade constituída por espécies endêmicas e ameaçadas de extinção.**

Existem áreas em estágio médio de regeneração, com cerca de 30-40 anos, nas quais são encontrados representantes de flora relevantes como Xaxim (*Dicksonia* sp.), Tarumã (*Vitex megapotamica*), entre outras (Roderjan, 2014). Destaca-se a presença de bromélias e orquídeas terrestres.

**Um importante refúgio, visto tratar-se de um remanescente de vegetação nativa em área urbana.**

No local, também existia um grande número de espécies de flora exóticas, das quais quatro competem acirradamente com a flora local e são objeto de contínua erradicação. A área atual do bosque passou por um longo processo de supressão das espécies invasoras e está sendo enriquecida com o plantio de espécies nativas, notadamente as de maior valor

biocenótico (que produzem alimentação para a fauna ou são boas hospedeiras para epífitas, interagindo positivamente com as outras espécies presentes no biótopo), e as climaxes.



Serelepe (*Guerlinguetus ingrami*)

Em termos de fauna, é um importante refúgio, visto tratar-se de um remanescente de vegetação nativa em área urbana. Nesse sentido, pode-se observar uma variedade de espécies da avifauna, como o pica-pau-de cabeça-vermelha (*Campephilus melanoleucus*), coruja-orelhuda (*Asio clamator*), alma-de-gato (*Piaya cayana*), saracura (*Aramides saracura*), jacu (*Penelope obscura*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), mamíferos como o serelepe (*Guerlinguetus ingrami*), anfíbios como o sapo-de-chifre (*Ceratophrys boiei*), além de uma grande diversidade de borboletas, abelhas nativas, louva-deus, entre outras. E, dentro desse contexto, a área pode ser considerada um importante “hotspot” urbano.



## OBJETIVOS DO USO DO BOSQUE

Promover a pesquisa, a conservação, a preservação, a educação ambiental e o lazer compatível com a finalidade de difundir o valor multicultural das plantas e sensibilizar os usuários sobre a importância da biodiversidade.

### Diretrizes<sup>1</sup>

As diretrizes apresentadas a seguir foram adaptadas do Ministério do Meio Ambiente (2006), com o objetivo de orientar as ações de planejamento, gestão e implementação da visitação à área do Bosque Pequeno Príncipe, na busca de garantir a qualidade e eficiência na realização das atividades.

#### 1 DIRETRIZES GERAIS

- 1.1 Prever a atualização dos instrumentos de planejamento e demais instrumentos normativos do Manual de Uso do Bosque, visando ao aprimora-

<sup>1</sup> Adaptado de MMA (2006).

mento das atividades de visitação, bem como à conservação das áreas naturais.

- 1.2 Incentivar a realização de expedições a campo, de caráter técnico, visando ao levantamento de subsídios para o planejamento e gestão da visitação na área.
- 1.3 Considerar o ordenamento da área, os resultados de pesquisas científicas e o monitoramento dos impactos e dos fatores objetivos de risco para definir restrições à visitação.
- 1.4 Promover a capacitação continuada da equipe gestora no que diz respeito às técnicas de manejo da visitação, monitoramento de impactos, manutenção de trilhas, técnicas de mínimo impacto em áreas naturais, atendimento ao público, entre outras.
- 1.5 Desenvolver e implementar ações para a gestão da visitação, a fim de assegurar que os usos e as atividades realizadas no Bosque sejam condizentes com as normas específicas para cada área e que os impactos negativos sobre os recursos sejam minimizados.
- 1.6 Conhecer e adotar diversas técnicas de manejo e procedimentos de monitoramento dos impactos da visitação, visando à minimização dos efeitos negativos e à maximização dos efeitos positivos.
- 1.7 Estabelecer, quando necessário, um sistema de agendamento da visitação para evitar o excesso de visitantes em determinadas áreas mais sensíveis, como na Trilha das Epífitas e na Trilha das Borboletas.

- 1.8** Estabelecer um sistema de registro de visitantes e realizar pesquisas periódicas para identificar o perfil, a opinião e a satisfação dos visitantes com relação às oportunidades de visita oferecidas na área.
- 1.9** Buscar o estabelecimento de infraestrutura adequada e equipamentos para a realização das atividades de visita, considerando que algumas delas podem ser realizadas mesmo com um mínimo de equipamento e infraestrutura, como trilhas preexistentes e informação sobre percursos.
- 1.10** Avaliar criteriosamente a utilização de veículos motorizados ou não, e demais atividades que possam causar distúrbio ou perturbar o ambiente local.
- 1.11** Desenvolver mecanismos eficientes para a disposição e o tratamento dos resíduos sólidos provenientes da visita.
- 1.12** Estabelecer o monitoramento dos indicadores vinculados à satisfação dos visitantes, tais como aglomerações/encontro de grupos, conservação do ambiente, ruído e segurança, conflitos de uso entre diferentes usuários, números de infrações, atrativos presentes na área, entre outros.
- 1.13** Difundir as regras de visita do presente Manual e comunicá-las de forma eficiente e abrangente.
- 1.14** Compreender a diversidade de expectativas dos visitantes, procurando atendê-las com um amplo leque de estratégias de manejo que maximizem a variedade de oportunidades oferecidas.
- 1.15** Disponibilizar informações para o visitante antes e durante a visita à área, para que estes possam prevenir acidentes, minimizar os impactos am-

bientais e culturais e maximizar a qualidade de sua experiência.

- 1.16** Observar e atender a legislação e as normas específicas para a promoção da acessibilidade de pessoas portadoras de necessidades especiais.
- 1.17** Considerar no planejamento e gestão da visita, quando viável e aplicável, a realização da igualdade de oportunidades, que diz respeito ao processo mediante o qual serviços, atividades, informação e documentação são postos à disposição de todos.
- 1.18** Assegurar que arquitetos, engenheiros civis e outros profissionais responsáveis pela concepção e construção de infraestruturas incluam em seus projetos e obras as intervenções necessárias para garantir a acessibilidade e a sustentabilidade (construções de baixo impacto ambiental).
- 1.19** Implantar um sistema de rotinas e procedimentos de fiscalização. Deverão ser percorridas as áreas limítrofes; o dia da semana para realizar a fiscalização deverá ser definido de forma aleatória; sempre que necessário, o sistema de rotinas deverá ser revisto e adequado conforme a necessidade. Deverá ser realizado o monitoramento sempre que houver eventos específicos ou com base em condições climáticas, quedas de árvores etc.
- 1.20** Implantar um sistema de rotina de monitoramento de impactos e estabelecer pontos de atenção (impactos mais comuns) na trilha, o que poderá ser realizado pelo monitor. Isso também deverá ser realizado após eventos específicos com público.

## 2 DIRETRIZES PARA A INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL

- 2.1 Adotar a interpretação ambiental como uma forma de fortalecer a compreensão sobre a importância de uma área natural em ambiente urbano e seu papel no desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental.
- 2.2 Utilizar as diversas técnicas da interpretação ambiental como forma de estimular o visitante a desenvolver a apreciação e o entendimento dos aspectos naturais e culturais, transformando a visita numa experiência enriquecedora e agradável.
- 2.3 Empregar instrumentos de interpretação ambiental como ferramenta de minimização de impactos negativos naturais e culturais.
- 2.4 Desenvolver instrumentos interpretativos fundamentados em pesquisas e informações consistentes sobre os aspectos naturais e culturais do local.
- 2.5 Assegurar que o projeto de interpretação ambiental utilize uma linguagem acessível ao conjunto dos visitantes.
- 2.6 Implantar um programa de voluntariado para monitoramento e remoção de espécies exóticas invasoras da flora; poderão ser priorizados voluntários de grupos de escoteiros; durante a atividade, deverão ser fornecidas informações importantes sobre a importância desse programa para a fauna e flora locais. Essas atividades serão sempre pautadas nas normas vigentes e no uso de equipamentos técnicos e de segurança.





### 3 DIRETRIZES PARA A CONDUÇÃO DE VISITANTES

- 3.1 Requerer que todos os monitores estejam devidamente capacitados para desenvolver as atividades.
- 3.2 Adotar critérios objetivos e tecnicamente justificáveis para avaliar a necessidade ou não de acompanhamento de monitores, considerando particularidades como alta biodiversidade, fragilidade do local, segurança do visitante, variedade de público e suas respectivas demandas e experiências.
- 3.3 Disponibilizar serviço de condução de visitantes, sempre que seja considerado obrigatório.
- 3.4 Considerar que os monitores devem desempenhar um importante papel na experiência do visitante, proporcionando um incremento educativo e interpretativo durante a visita.
- 3.5 Estimular que a capacitação de monitores seja realizada continuamente. O conhecimento e as técnicas de manejo da visitação devem ser atualizados e reciclados sempre que necessário.

## 4 DIRETRIZES PARA INSTITUIÇÕES PARCEIRAS/ PRESTADORAS DE SERVIÇOS

- 4.1 Estabelecer critérios ambientais, culturais, econômicos e sociais que deverão ser seguidos pelos parceiros e prestadores de serviços, além de incorporados nos termos de referência e demais instrumentos legais para a sua contratação.
- 4.2 Exigir das instituições parceiras e prestadoras de serviços o uso de equipamentos e técnicas compatíveis com as normas vigentes.
- 4.3 Garantir, por meio dos instrumentos legais, que os parceiros e os prestadores de serviços estabeleçam planos de gestão do risco e sejam responsáveis pelos procedimentos a serem adotados em casos de emergência.
- 4.4 Estabelecer um programa de monitoramento dos impactos ambientais da atividade desenvolvida pelos parceiros e prestadores de serviços.
- 4.5 Assegurar que os parceiros e os prestadores de serviços promovam o Bosque Pequeno Príncipe, seu potencial e o entendimento de sua função e objetivos.
- 4.6 Assegurar o cumprimento da legislação vigente, das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT e outros regulamentos específicos por parte dos prestadores de serviços.



## 5 DIRETRIZES PARA A SEGURANÇA DURANTE A VISITAÇÃO

- 5.1 Identificar os riscos possíveis à segurança e saúde dos visitantes e à proteção dos recursos da área, colocando em prática normas, códigos, padrões e princípios vigentes que deverão ser observados e adotados pelos atores envolvidos com a visita.
- 5.2 Buscar diminuir a probabilidade da ocorrência de sinistros de qualquer tipo que estejam vinculados à visita, considerando que toda atividade em ambientes naturais apresenta riscos intrínsecos.
- 5.3 Implementar medidas de segurança, incluindo fechamento de áreas, vigilância, instalação de placas de advertência e outras formas de prevenção, sempre quando necessário.
- 5.4 Assegurar a qualidade e condições dos equipamentos e infraestrutura disponíveis no Bosque, tais como trilhas, sinalização, edificações, entre outros.
- 5.5 Elaborar um plano de operações emergenciais (contingenciamento de risco) para assegurar uma resposta eficaz contra os principais tipos de emergência, considerando as particularidades das atividades realizadas na área.
- 5.6 Elaborar documento contendo todas as recomendações necessárias à segurança do visitante.
- 5.7 Disponibilizar informações que estimulem a autosssegurança, orientando os visitantes para o fato de que as melhores práticas de segurança são a prevenção e o planejamento.

- 5.8 Considerar que os acidentes podem estar associados a fatores relacionados ao comportamento dos visitantes, como a negligência em relação à segurança, o não cumprimento de regulamentos para visitar a área, entre outros.
- 5.9 Trabalhar de forma cooperativa com os diferentes setores da instituição e também com outras instituições, para proporcionar um ambiente seguro aos visitantes e funcionários, buscando estabelecer acordos de cooperação, treinamento e mecanismos de comunicação com o corpo de bombeiros, hospitais, vizinhos, notadamente os de grande porte (CINDACTA e CCR).





## RECOMENDAÇÕES PARA A PRÁTICA RESPONSÁVEL DAS ATIVIDADES DE VISITAÇÃO

Visando compatibilizar a proteção com o uso consciente de ambientes naturais, é fundamental que se garanta uma **participação consciente, responsável e ativa** dos visitantes e das instituições envolvidas direta e indiretamente com a visita. Com esse objetivo, segue abaixo um conjunto de recomendações que devem ser observadas por estes atores.

### 1 RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA OS VISITANTES

- 1.1 Utilizar locais apropriados para armazenar o lixo e evitar a aproximação e alimentação inadequada da fauna, como também a poluição do local.
- 1.2 Respeitar os outros visitantes com o intuito de evitar conflitos entre os diversos usuários, cada qual com suas respectivas motivações e interesses.
- 1.3 Entrar em contato com o gestor da área para se informar sobre regras específicas a serem atendidas, a fim de se planejar e agendar a visita com antecedência.
- 1.4 Tomar conhecimento e seguir com atenção as advertências e recomendações realizadas pelos gestores da área com relação às regras e regulamentos específicos da área a ser visitada.
- 1.5 Procurar informações sobre o percurso, tais como necessidade de autorização, necessidade de condução, horários permitidos, incluindo tempo de aproximação e retorno.
- 1.7 Reconhecer o risco inerente às atividades realizadas em ambientes naturais e assegurar que os visitantes possuem conhecimentos sobre as normas e habilidades para percorrer as trilhas, estando ciente de que eles são os principais responsáveis pela própria segurança.

## 2 RECOMENDAÇÕES PARA AS INSTITUIÇÕES PARCEIRAS/PRESTADORES DE SERVIÇO

- 2.1 As instituições parceiras devem primar pela conservação dos recursos naturais e culturais.
- 2.3 Promover a conduta responsável e consciente dos visitantes.
- 2.4 Assegurar que os resíduos provenientes da atividade realizada sejam manejados adequadamente.
- 2.5 Realizar contato prévio com a gerência da área para comunicar a visita e obter informações sobre as normas e regulamentos pertinentes à visitação.
- 2.6 Articular entre si e com os gestores de área o estabelecimento de padrões comuns de operação, considerando critérios de qualidade, segurança e sustentabilidade.
- 2.7 Contribuir com as iniciativas para a conservação da natureza por meio de doações corporativas, assistência técnica, programas educativos, trabalhos voluntários, entre outros.
- 2.8 Instruir o público-usuário, antes da visita, acerca da conduta adequada no interior de uma área natural, a fim de minimizar os impactos negativos sobre os recursos naturais e culturais, bem como garantir a sua segurança.
- 2.9 Dar ciência aos usuários das normas e regulamentos adotados na área a ser visitada, bem como garantir o seu cumprimento.
- 2.10 Informar a equipe de gestão da área sobre o tamanho do grupo, trajeto a ser realizado e tempo de duração da visita.
- 2.11 Realizar periodicamente pesquisas de opinião e grau de satisfação dos usuários, assim como encaminhar os resultados para conhecimento da equipe gestora da área.

## NORMAS DE USO DO BOSQUE PEQUENO PRÍNCIPE



Os visitantes poderão usufruir das áreas do Bosque Pequeno Príncipe desde que estejam cientes e respeitem as normas estabelecidas. Os locais abertos à visita envolvem **Jardim Botânico, Trilha das Epífitas, Trilha do Aeroporto e Trilha das Borboletas.**

### NORMAS GERAIS DO FUNCIONAMENTO

- O acesso ao público será pelo portão principal, situado na Rua Doutor Alarico Vieira de Alencar, nº 10 (será estudada a possibilidade de um segundo acesso, em momento oportuno).
- O dia e horário de funcionamento do Bosque Pequeno Príncipe serão definidos posteriormente, assim como o horário de funcionamento do Jardim Botânico.

- O acesso para os funcionários e os pacientes do Complexo Pequeno Príncipe poderá ser realizado em horário diferenciado, conforme previsto pelo Comitê Gestor do Bosque Pequeno Príncipe.
- Para grupos ou escolas, deverá ser realizado um agendamento prévio para que ocorra o planejamento e disposição de monitores que acompanharão o percurso das trilhas. O agendamento deverá ocorrer com sete dias de antecedência, (definir como será esse agendamento, on-line, via formulário eletrônico). O cancelamento da visita pode ser realizado com 24 horas de antecedência via a ser definida.
- Os ciclistas deverão deixar suas bicicletas no bicicletário. Cada ciclista deverá possuir seu próprio cadeado para garantir a segurança de sua bicicleta.
- A área do Jardim Botânico deverá conter estruturas que permitam a acessibilidade para portadores de necessidades especiais.
- **As trilhas poderão ser fechadas a qualquer momento, caso ofereçam risco à segurança dos visitantes, ou visando à conservação/recuperação do ambiente natural da trilha e do seu entorno imediato.**

## DAS ATIVIDADES PERMITIDAS

- Atividades educacionais;
- pesquisa científica;
- intercâmbio científico e cultural;
- atividades que promovam o bem-estar, como caminhadas, meditação contemplação, banho de natureza;
- visita ao Jardim Botânico;
- piquenique, desde que respeite o local destinado para tal atividade;
- demais usos deverão ser solicitados e aprovados pelo Comitê Gestor do Bosque Pequeno Príncipe.

## DAS OBRIGAÇÕES E VEDAÇÕES

- Todos os usuários deverão respeitar e zelar pela manutenção da área e cuidado com a biodiversidade presente no Bosque;
- **os usuários deverão respeitar a delimitação das trilhas, não podendo sair das demarcações estabelecidas em hipótese alguma;**
- os adultos serão os responsáveis pelas crianças e deverão orientá-las sobre o bom uso da área do Bosque;
- menores de 16 anos deverão estar acompanhados por responsáveis (pais ou responsáveis, monitores do Bosque ou chefes escoteiros).
- os coordenadores e/ou responsáveis por eventos deverão orientar o público sob sua responsabilidade para respeitar as condições de uso determinadas neste regulamento.



## DAS LIMITAÇÕES

- Proibido adentrar em locais não autorizados;
- proibido consumo de bebidas alcóolicas;
- proibida a utilização de equipamentos sonoros;
- proibido fazer fogo;
- é expressamente proibido fumar nas dependências do Bosque e do Jardim Botânico, sendo a área livre do cigarro;
- proibido deixar resíduos pelas trilhas;
- proibida a utilização de atalhos e trilhas não oficiais;
- proibida a entrada de animais domésticos;
- proibido coletar exemplares da flora;
- proibido alimentar os animais silvestres e importuná-los;
- proibido caçar, capturar ou perseguir animais silvestres;
- proibido introduzir (plantar ou soltar) qualquer espécie animal ou vegetal, nativa ou exótica. Mutirões formados por trabalhadores voluntários (escoteiros, alunos de escolas públicas, funcionários de empresas parceiras, funcionários do Complexo Pequeno Príncipe) para atividades como remoção de espécies exóticas, plantios de enriquecimento biológico e outras, só deverão atuar fora das áreas de alta biodiversidade, ficando estas sob a responsabilidade dos funcionários especializados.
- proibido subir, escrever, gravar, pintar ou fixar objetos nas árvores e demais plantas, bem como nas placas, construções e demais estruturas do Bosque do Complexo Pequeno Príncipe;
- proibido acampar nas dependências do Bosque, salvo exceções mediante solicitação e autorização do Comitê Gestor do Bosque Pequeno Príncipe;
- proibido vender ou oferecer artigos comerciais e de propaganda, salvo quando devidamente licenciados pela direção da Instituição;
- não se deve fazer uso da água dos corpos d'água presentes nas trilhas, tampouco se aproximar da margem dos córregos.
- proibido utilizar aeromodelos ou aparelhos e brinquedos de controle remoto, balões e similares;
- proibido pilotar drones, exceto se houver autorização da Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC

## NORMAS E RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS PARA AS TRILHAS



*Campylocentrum aromaticum*  
Barb. Rodr.

As normas e recomendações foram elaboradas para a Trilha das Epífitas, a Trilha do Aeroporto e a Trilha das Borboletas. A Trilha do Aeroporto possui um percurso já estabelecido. A Trilha das Epífitas possui parte do seu trajeto já estabelecido, porém, foi realizada uma sugestão de percurso para aumentar o tamanho da trilha e conectá-la à Trilha do Aeroporto. Já a Trilha da Borboleta é inexistente na área, e uma sugestão de traçado foi realizada.

Na figura da página seguinte (figura 1), temos a indicação das principais infraestruturas e as trilhas demarcadas.

A seguir, são apresentadas as especificidades de cada trilha, com potenciais indicações de conteúdo de educação ambiental e infraestruturas, que poderão ser incorporadas no planejamento da implementação. Destaca-se a necessidade de projetos técnicos para a implantação das trilhas e de suas infraestruturas.

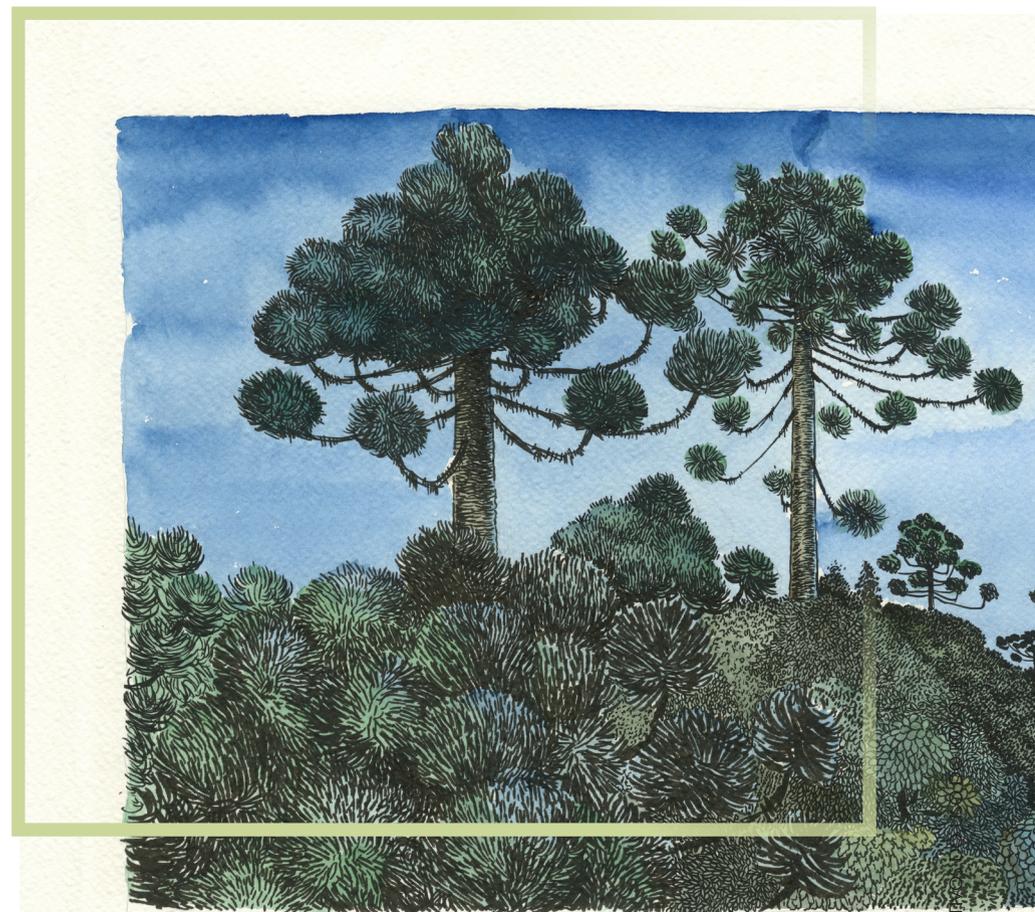




Figura 1

# MAPA DE USO DO SOLO

-  LIMITE
-  TRILHA DAS EPÍFITAS
-  TRILHA DO AEROPORTO
-  TRILHAS DAS BORBOLETAS
-  HIDROGRAFIA

-  HOSPITAL PEQUENO PRÍNCIPE NORTE DIA + APOIO
-  EDIFÍCIO SEDE ADMINISTRATIVA EUNICE WEAVER
-  SEDE DO GRUPO DE ESCOTEIROS
-  COBERTURA DO ACESSO/GUARITA 1
-  COBERTURA DO ACESSO/GUARITA 2
-  CENTRAL ELÉTRICA
-  SEDE DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SÃO ROQUE
-  TRINCHEIRA
-  CENTRO DE RECEPÇÃO DO VISITANTE: JD. BOTÂNICA
-  ESTUFAS JARDIM BOTÂNICO
-  FACULDADES PEQUENO PRÍNCIPE E INST. DE PESQUISA
-  EDIFÍCIO GARAGEM
-  HOSP. PEQ. PRÍNCIPE NORTE 02 - ALTA COMPLEXIDADE
-  AMBULATÓRIOS E SEDE ADM. DO COMPLEXO
-  CENTRO CULTURAL

Figura 1 - Mapa de Uso do solo



## TRILHA DAS EPIFITAS

≈ 700m  
– leve/fácil –  
de 1h a 2h.



### DESCRIÇÃO:

trilha agendada, de percurso linear, tendo início próximo ao Jardim Botânico e finalização no início da Trilha do Aeroporto. O objetivo principal da trilha é promover Educação Ambiental, evidenciando as características da paisagem e ecossistema, com destaque à presença e diversidade das epífitas e a importância da Floresta Ombrófila Mista em ambiente urbano. Importante destacar que, no entorno dessa trilha, serão reintroduzidas espécies raras de epífitas, portanto, o acompanhamento de monitores será indispensável. Nesse local, está prevista uma pequena praça para descanso e atividades de educação ambiental, abrigando também uma pequena exposição permanente da escultora paranaense Elizabeth Titton. O acesso à praça faz parte da atividade da trilha guiada.

**RECOMENDAÇÃO DE TRAÇADO:**

o desenho da trilha deve acompanhar o traçado já existente, com poucas aberturas de novos caminhos.

**PÚBLICOS-ALVO:**

grupos escolares a partir do Ensino Fundamental I; grupos universitários e técnicos; convidados.

**CONDUÇÃO:**

guiada.

**CARACTERÍSTICA DO PERCURSO:**

linear; pode haver conexão com a Trilha do Aeroporto.

**MODO DE PERCURSO:**

exclusivamente a pé.

**EXTENSÃO:**

aproximadamente 700 m.

**LARGURA:**

até 90 cm.

**PAVIMENTO:**

terra batida.

**INFRAESTRUTURA RECOMENDADA:**

três painéis interpretativos, uma ponte para Ilha das Esculturas, drenagem, possível necessidade de pequena escada ou rampa na porção final da trilha, lixeiras nos locais de descanso.

**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:**

sugestão – 9h às 12h – 14h às 17h – segunda a sexta-feira; 9h às 12h aos sábados – fechada por 30 dias da segunda dezena de dezembro à primeira quinzena de janeiro. Sábados, das 14h às 17h, possível uso do grupo esportivo mediante agendamento e com acompanhamento de monitor.

**NÍVEL DE DIFICULDADE:**

leve/fácil (para tanto, o desnível não pode passar de 50m ou devem ser utilizadas escadas ou rampas).

**TAMANHO DE GRUPO:**

até 15 pessoas por grupo, acompanhado de dois monitores – um no início e um fechando a trilha. No caso de grupos escolares, há necessi-

dade de presença de um professor ou profissional da instituição de ensino por grupo.

**TEMPO APROXIMADO DO PERCURSO COM INTERPRETAÇÃO, DESCANSO E CONTEMPLAÇÃO:**

de 1h a 2h.

**NÚMERO DE GRUPOS POR DIA:**

dez grupos de segunda a sexta-feira (considerando a disponibilidade de quatro monitores); aos sábados, o limite é de quatro grupos.

**NÚMERO BALIZADOR DE VISITAÇÃO<sup>1</sup>:**

(metodologia ICMBio) = 350 pessoas/dia – máximo de 19 grupos por dia (desconsiderando capacidade de gestão).

**REGRAS E ORIENTAÇÕES DE USO:**

agendamento; em caso de chuva ou condições climáticas desfavoráveis, a trilha deve ser fechada.

Recomenda-se que o usuário utilize calçados fechados ao realizar as trilhas, leve água, bem como use repelente e proteção solar.

**SEGURANÇA:**

em caso de acidentes (lesões, fraturas, mal-estar etc.), será acionado pelo monitor, via celular, atendimento emergencial.

<sup>1</sup> Cálculo do Número Balizador de Visitação (ICMBio, 2011).

$$NVB = D/N \times NV$$

D = disponibilidade (em área ou quantidade)

N = necessidade por pessoa ou grupo de pessoas (em área ou quantidade)

NV = TO/TN

NV = número de vezes que um grupo ou uma pessoa poderia visitar aquele lugar em um dia

TO = tempo oferecido para a visita

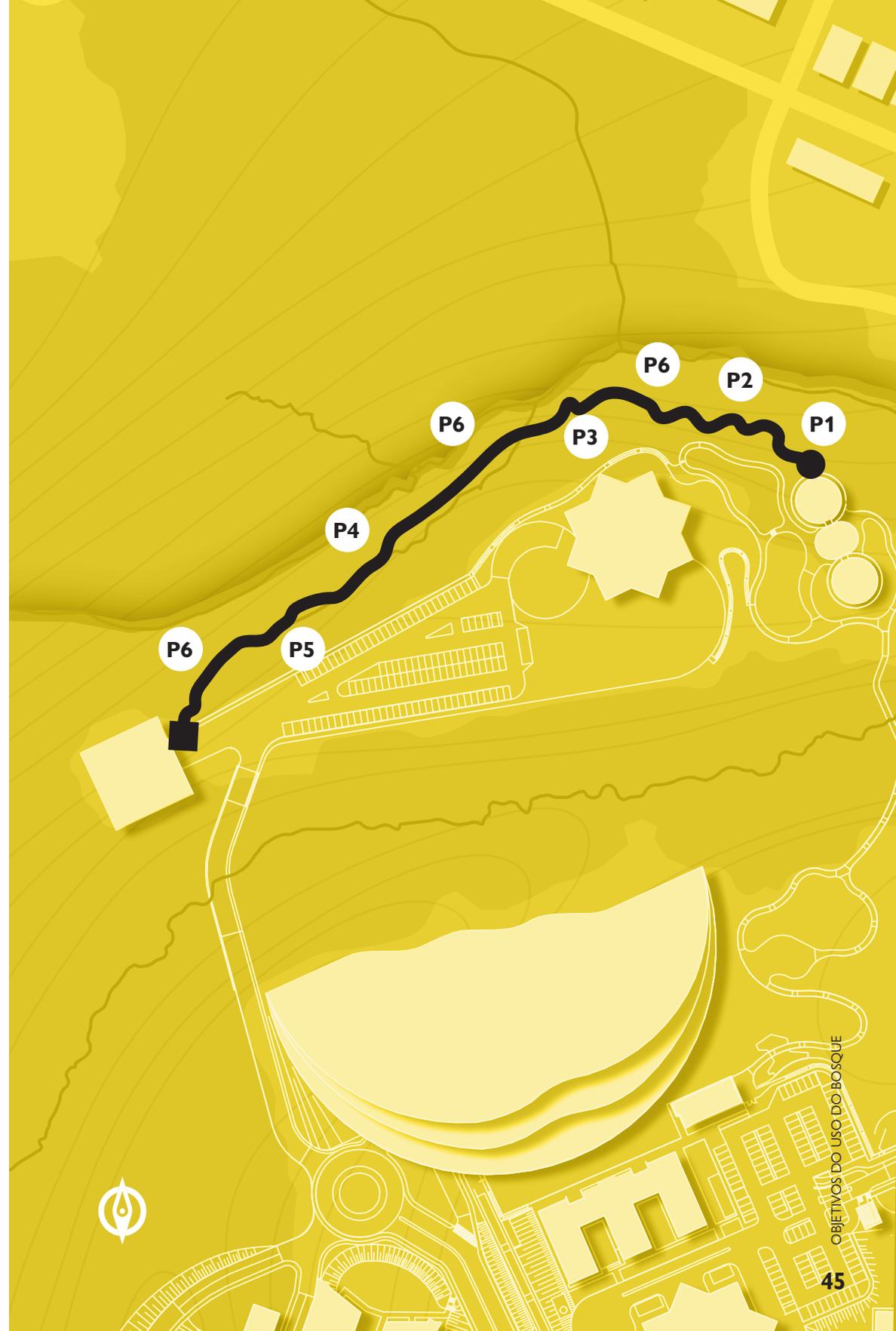
TN = tempo necessário para a visita por um grupo ou pessoa

## PONTOS DE INTERESSE TRILHAS DAS EPÍFITAS

(sentido Jardim Botânico – Trilha do Aeroporto)

Ponto	Tema	Conteúdo de interpretação e Infraestrutura
P1	Epífitas <sup>2</sup>	Iniciar a trilha evidenciando a presença e importância das epífitas. Painel interpretativo. Também poderá ser abordada a importância das áreas naturais em ambientes urbanos (aspectos ambientais e sociais; nesse caso, a importância do contato com a natureza no auxílio à saúde mental - conceito de banho de floresta, por exemplo).
P2	Fauna	Destaque para as espécies que podem ser observadas ao longo do percurso. Painel interpretativo. <i>QRCode</i> com sons da avifauna - WikiAves.
P3	Córrego Urbano/Queda d'água	Observação do curso d'água, importância e impactos. Mata ciliar. Ponto Instagramável.
P4	Descanso e contemplação	Área de descanso e contemplação. Ponte para Ilha das Esculturas. Destaque para a importância de conservação do Bosque e projetos ambientais do Complexo Pequeno Príncipe.
P5	Antropização "Vestígios Humanos"	Destaque para os impactos antrópicos no ambiente. Observação de resíduos de construção e lixo. Painel interpretativo com o "antes" e "depois" da área.
P6	Epífitas	Observação das epífitas na paisagem.

<sup>2</sup> "Epífitas são comuns, principalmente nas árvores mais velhas e "cascudas", onde predominam pteridófitas dos gêneros *Microgramma*, *Peperomia*, *Pleopeltis* e *Campyloneurum*, bromeliáceas (*Tillandsia* e *Vriesea* spp.) e orquídeas diversas (*Campylocentrum*, *Capanemia* e *Oncidium* spp.)" (RODERJAN, 2014, p. 10).





## TRILHA DO AEROPORTO

≈ 700m  
– leve/fácil –  
1h30



### DESCRIÇÃO:

trilha formada por uma estrada já existente, em formato de C, com percurso de ida e volta, podendo iniciar em ponto próximo ao fim da Trilha das Epífitas, passando pela área das Araucárias do “Zanette” até o edifício da instituição de ensino, ou vice e versa. **O objetivo principal da trilha é promover contemplação da paisagem e dos pousos e decolagens de aviões.** Oferecerá área para descanso e piquenique. A interpretação ambiental pode se valer das características da Floresta Ombrófila Mista, destaque na ponte das exóticas e seu contexto, observação de borboletas, projeto Árvores da Vida, Áreas Verdes Urbanas, dentre outras possibilidades. **Importante destacar que essa trilha circunda a área de maior biodiversidade, com espécies raras de orquídeas terrestres, portanto, será importante assegurar a proteção e restrição de acesso a esses locais.**

**RECOMENDAÇÃO DE TRAÇADO:**

o desenho da trilha deve acompanhar o traçado já existente com possibilidades de estreitamento, desde que continue permitindo acesso de veículo (quadriciclo) para manutenção da área.

**PÚBLICOS-ALVO:**

famílias, escolas, escoteiros e demais visitantes.

**CONDUÇÃO:**

autoguiada e guiada.

**CARACTERÍSTICA DO PERCURSO:**

formato em C (permite ida e volta).

**MODO DE PERCURSO:**

a pé ou veículo elétrico para pessoas com mobilidade reduzida.

**EXTENSÃO:**

aproximadamente 700 m.

**LARGURA ATUAL:**

até 3 metros (sugestão de estreitamento com enriquecimento florestal; também poderá ser utilizado o projeto Árvores da Vida).

**PAVIMENTO:**

terra batida.

**INFRAESTRUTURA:**

mirante, placas Árvores da Vida, painéis interpretativos, área de descanso e piquenique, ponte, lixeiras nos locais de descanso e piquenique.

**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:**

sugestão – 9h às 17h – terça-feira a domingo.

**NÍVEL DE DIFICULDADE:**

leve/fácil.

**TEMPO APROXIMADO DO PERCURSO COM DESCANSO E CONTEMPLAÇÃO:**

1h30.

**NÚMERO DE VISITANTES POR DIA:**

restringir, se impactos negativos forem observados.

**NÚMERO BALIZADOR DE VISITAÇÃO:**

(metodologia ICMBio) = 2450 pessoas/dia (desconsiderando capacidade de gestão).

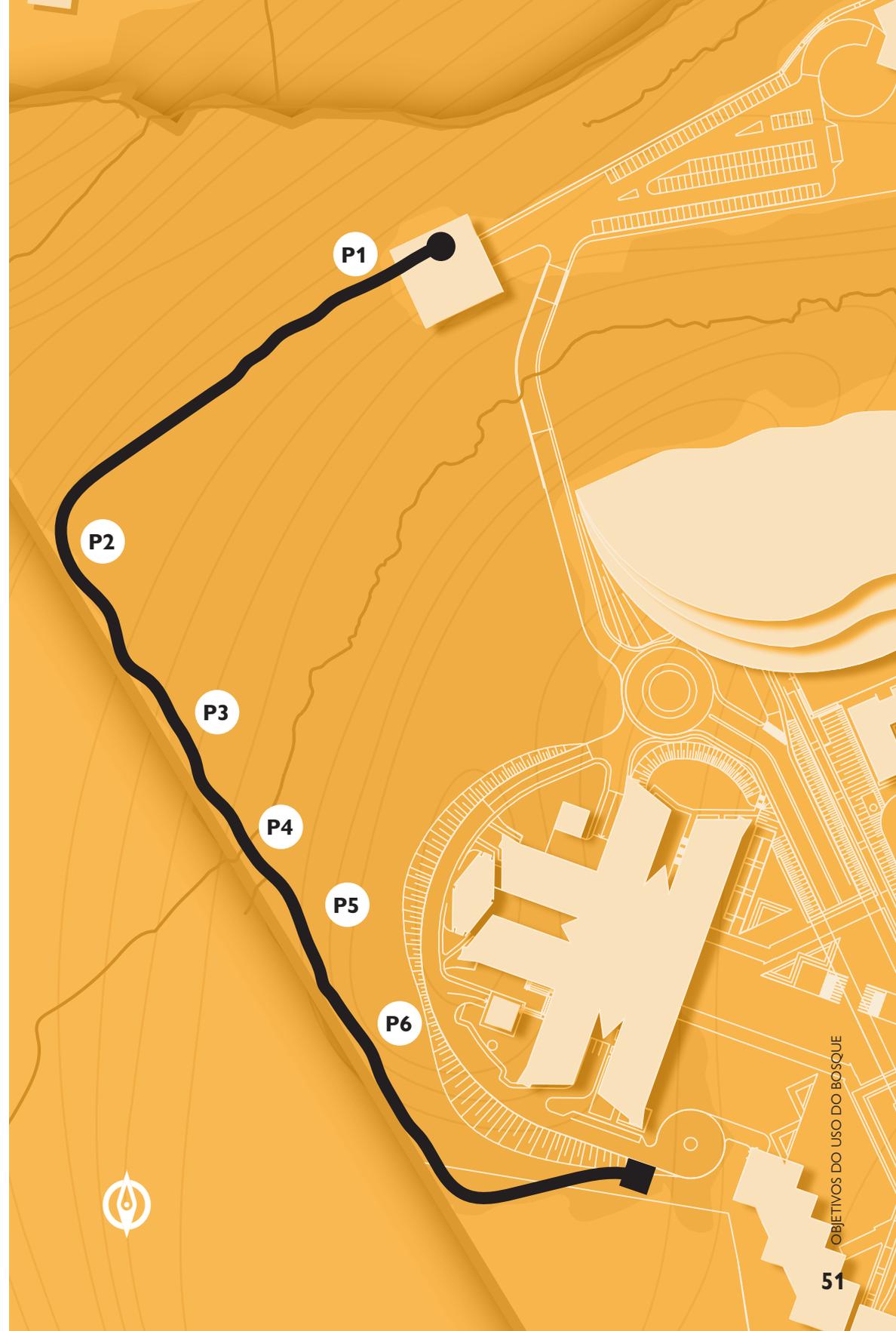
**REGRAS E ORIENTAÇÕES DE USO:**

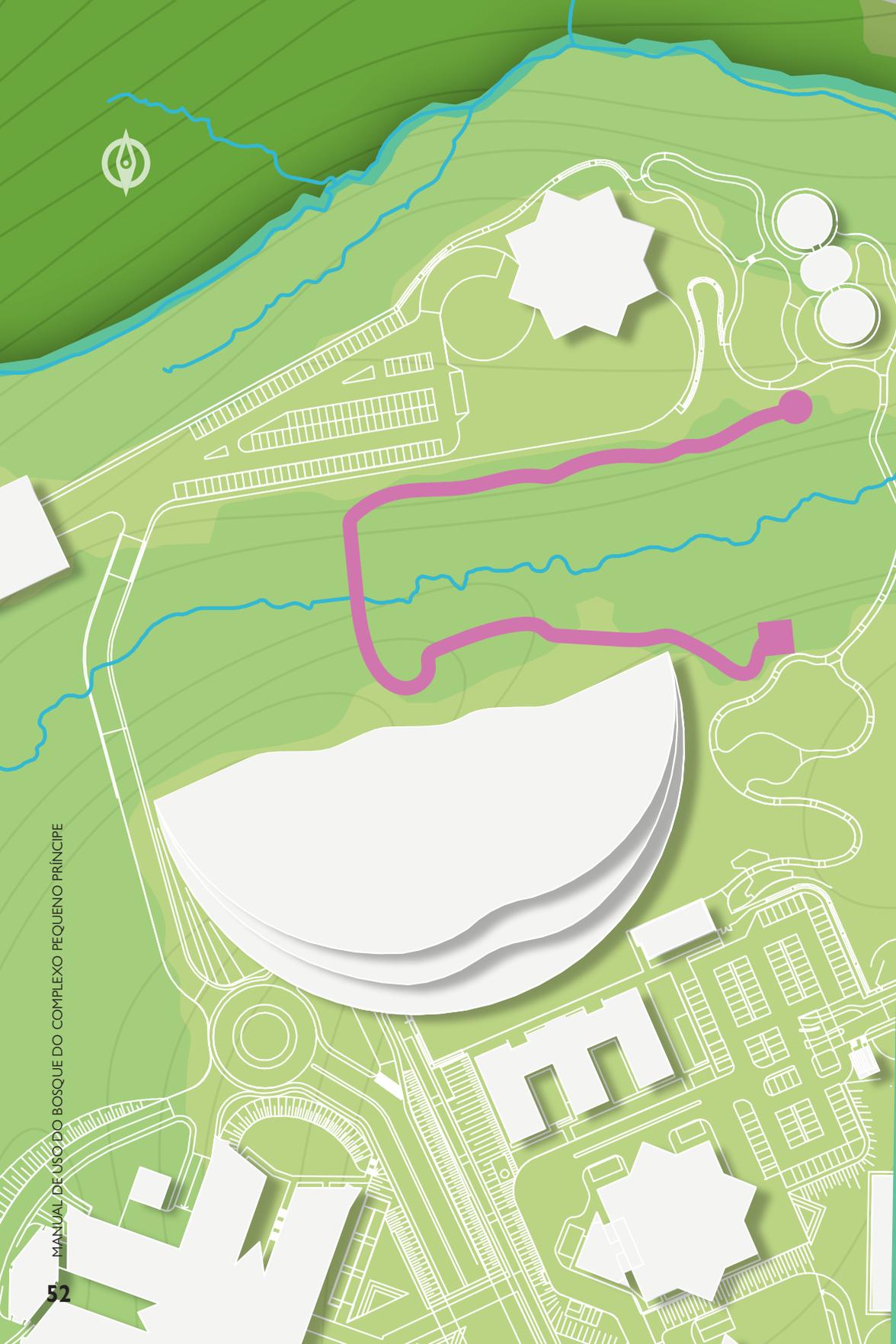
recomenda-se que o usuário utilize calçados fechados ao realizar as trilhas, como também repelente, proteção solar e que leve água.

## PONTOS DE INTERESSE TRILHA DO AEROPORTO

(sentido final Trilha das Epífitas - Área das Araucárias do “Zanette”)

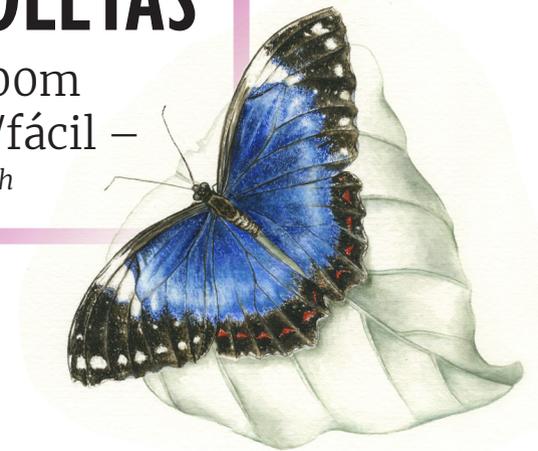
Ponto	Tema	Conteúdo de interpretação e infraestrutura
P1	Árvores da Vida	Placa/Painel sobre o Projeto Árvores da Vida.
P2	Área de descanso e piquenique  Observação do Aeroporto  Biodiversidade.	Painel Interpretativo/Interativo sobre a principal área de Biodiversidade do Bosque. Plataforma/Pracinha. Placa de indicação de observação dos pousos e decolagens.
P3	Área de importante biodiversidade	Painel Interpretativo. Temática: Orquídeas Terrestres e Borboletas.
P4	Ponte “das exóticas”	Abordar o tema das espécies exóticas e exóticas invasoras – problemas/soluções; uso comercial; vantagens/desvantagens; importância dos rios (rios urbanos, conservação, lixo, canalização etc.). Exemplos de regeneração da área; observação do dano ambiental e sua interpretação.
P5	Araucárias do “Zanette”	Painel interpretativo com informações relativas à pesquisa sobre as araucárias, realizada pelo professor Zanette desde 1986.
P6	Mirante	Visão geral da área; observar diferentes fisionomias da paisagem – áreas construídas/ambientes naturais (floresta/campo).





## TRILHA DAS BORBOLETAS

≈ 800m  
– leve/fácil –  
1h



### DESCRIÇÃO:

Trilha em formato circular com possibilidade de integração ao circuito do Jardim Botânico idealizado pelo Escritório Burle Marx de Paisagismo. O objetivo principal da trilha é promover a observação de borboletas e contemplação dos campos naturais/“campos de Curitiba”. Trata-se de área singular para a conservação desse bioma na área urbana. Tem um potencial didático, já que metade de sua extensão se situa em Floresta Ombrófila Mista em fase de regeneração, e a outra metade em campo natural onde ocorre o fenômeno da concentração anual das borboletas que a batizou. Com enriquecimento estratégico de espécies vegetais que atraem borboletas, haverá em parte do percurso um “borboleário a céu aberto”. A época do ano com maior presença de borboletas é no outono (março/abril).

**RECOMENDAÇÃO DE TRAÇADO:**

o desenho da trilha deve acompanhar o menor impacto na área, favorecendo a presença dos campos naturais e de espécies que atraem borboletas. No percurso que passa pela estrada, sugere-se manutenção do traçado já existente com possibilidades de estreitamento, desde que continue permitindo acesso de veículo (quadriciclo) para manutenção da área. Há necessidade de passagem por passarela elevada devido à área alagada.

**PÚBLICOS-ALVO:**

famílias, escolas, escoteiros e demais visitantes.

**CONDUÇÃO:**

autoguiada e guiada.

**CARACTERÍSTICA DO PERCURSO:**

circular (permite ida e volta).

**MODO DE PERCURSO:**

a pé.

**EXTENSÃO:**

aproximadamente 800 m.

**LARGURA:**

variada; nas áreas novas, sugere-se até 1,2 metro e marcação de bordas ao longo do percurso, em especial nas áreas de campo aberto.

**PAVIMENTO:**

terra batida.

**INFRAESTRUTURA:**

passarela, área de descanso sombreada, escada ou rampa, drenagem e painéis interpretativos.

**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:**

9h às 17h – terça-feira a domingo.

**NÍVEL DE DIFICULDADE:**

leve/fácil.

**TEMPO APROXIMADO DO PERCURSO COM DESCANSO E CONTEMPLAÇÃO:**

1h.

**NÚMERO DE VISITANTES POR DIA:**

restringir, se impactos negativos forem observados.

**NÚMERO BALIZADOR DE VISITAÇÃO:**

(metodologia ICMBio) = 3200 pessoas/dia (desconsiderando capacidade de gestão).

**REGRAS E ORIENTAÇÕES DE USO:**

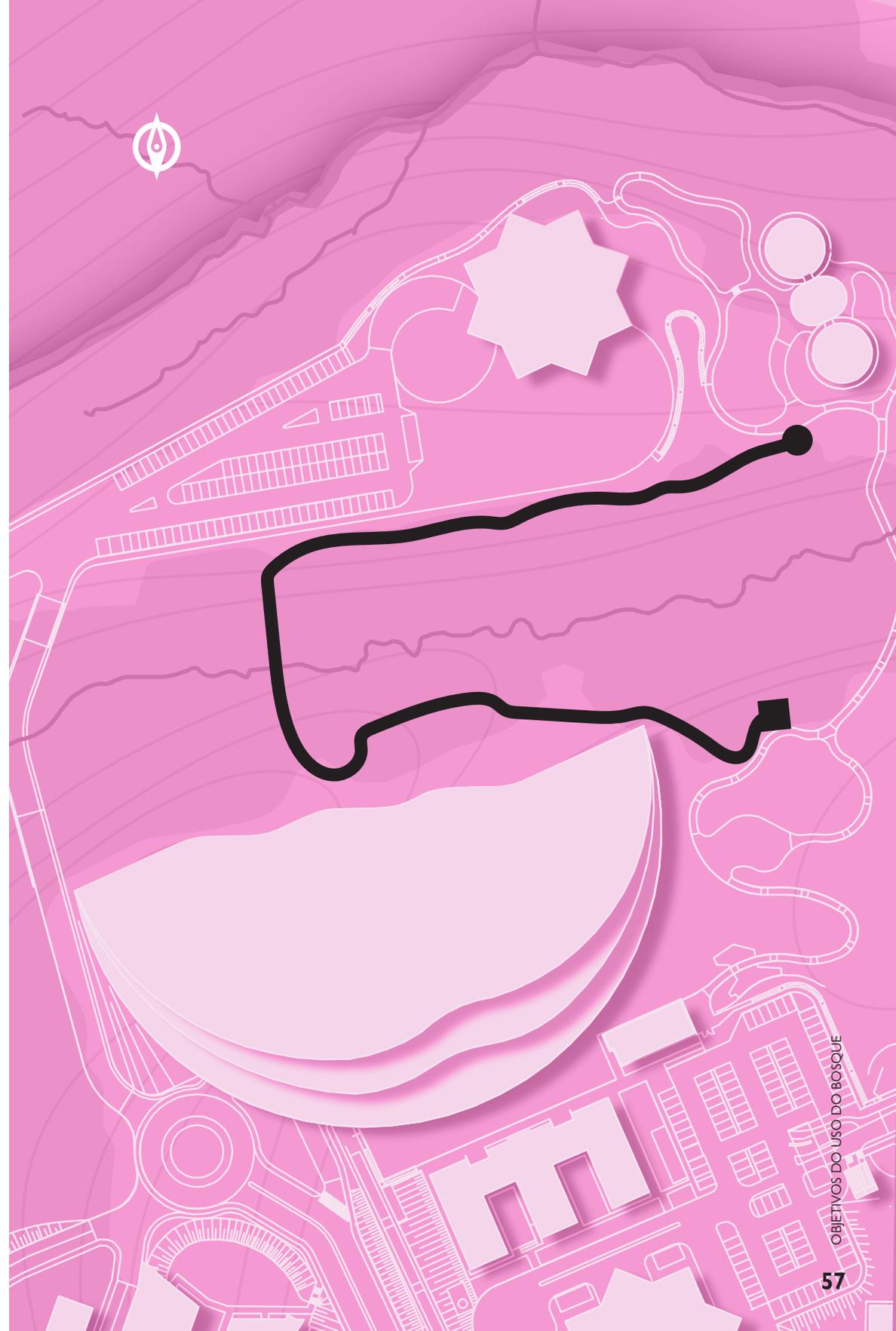
recomenda-se que o usuário utilize calçados fechados ao realizar as trilhas, como também repelente, proteção solar e que leve água.

## TRILHA DAS BORBOLETAS

a partir do Jardim Botânico

Pelo fato de o traçado dessa trilha não estar implantado em campo, a seguir são apresentadas sugestões de temas, conteúdo de interpretação e infraestrutura para a Trilha das Borboletas.

Tema	Conteúdo de interpretação e infraestrutura
Campos naturais e Borboletas	Painel Interpretativo com o tema da importância dos campos naturais de Curitiba e a relação com as borboletas e outros insetos.
Enriquecimento de espécies	Nas áreas de clareiras ou em área de escada/rampa de acesso antes do acesso à estrada já existente, demonstrar o trabalho de enriquecimento de espécies e proteção da vegetação nativa no Bosque.
Cipó Milome ( <i>Aristolochia triangularis</i> )	Na área da estrada, destaque para a espécie Cipó Milome ( <i>Aristolochia triangularis</i> ) com a dispersão de sementes por meio de seu “paraquedas” e sementes em “formato de coração”.
Espécies do campo natural	Plaquinhas identificando as espécies do campo natural, como a Malvaceae “hibiscus brasileiro”, entre outras.
Borboletário a céu aberto	Nas épocas favoráveis, proporcionar a experiência de borboletário a céu aberto. Pode-se ter um catálogo com as principais espécies que ocorrem na área, para a identificação do público.



## NORMAS DE USO DO BOSQUE PARA OS ESCOTEIROS DO GRUPO JORGE FRASSATI



O grupo de escoteiros Jorge Frassati é um usuário antigo das dependências do Bosque do Complexo Pequeno Príncipe, onde realiza as suas atividades ao ar livre. Com intuito de manter as atividades do grupo associadas à preservação das áreas verdes e às novas regras de funcionamento, serão indicados locais específicos para o desenvolvimento das atividades.

De acordo com os chefes do grupo de escoteiros, há em torno de 150 jovens que participam das atividades, além dos chefes, totalizando em torno de 200 pessoas. As atividades são realizadas semanalmente aos sábados.

O estabelecimento das normas específicas ao grupo de escoteiros foi definido levando em consideração as atividades apresentadas pelo grupo, o arcabouço legal da legislação ambiental e as novas regras estabelecidas no presente documento. Ainda, destaca-se a importância de que todas as atividades realizadas sigam a conduta do Manual dos Escoteiros do Brasil.

Para desenvolver as habilidades práticas dos jovens, são realizadas atividades ao ar livre, e os escoteiros necessitam de uma área verde, chamada pelo grupo de Campo Escola. Em conformidade com a nova área, está previsto que a região denominada Araucárias do “Zanette”, localizada nas imediações Trilha do Aeroporto, comporte esse Campo Escola. No local, será possível realizar as atividades de técnicas de acampamento, técnicas de cozinha ao ar livre, técnicas de nós e amarras, técnicas mateiras e técnicas de sobrevivência. Para o acampamento, será limitado o número de barracas a serem montadas no espaço delimitado. Outros usos devem ser solicitados ao Comitê Gestor do Bosque Pequeno Príncipe.

A relação com o fogo também está presente dentre as atividades realizadas. Para tanto, sugere-se que seja construído um local específico na área das Araucárias “Zanette”, para que se possa fazer o uso do fogo controlado.

Para utilização de galhos na fogueira ou confecção de ferramentas, não será permitido o corte e nem adentrar ao mato, somente nas bordas e retirada dos galhos secos no chão.

Para as atividades de observação de fauna e flora e de orientação, recomenda-se que o grupo de escoteiros utilize as trilhas autoguiadas do Aeroporto e da Borboleta.

Haverá possibilidade de envolver o grupo de escoteiros em ações voluntárias realizadas nas dependências do Bosque Pequeno Príncipe, como mutirão de retirada das exóticas, plantio de mudas nativas, dentre outras, desde que sob a supervisão dos profissionais do Complexo Hospitalar Pequeno Príncipe, conforme regra estabelecida neste Manual.

# REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portaria nº 85**, de 27 de abril de 2021. Regulamento de atividade de visitação pública dos espaços físicos do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=515&pagina=71&data=28/04/2021&captchafield=firstAccess>. Acesso em 28/01/2024.

CARNEIRO, S. H. J. **Solicitação de informações**. Comunicação pessoal. Em 26 abril. 2024.

CEOLIN, L. M. **Diagnóstico de Vegetação**. Fitofisionomia, Florística e Fitossociologia. Cidade: Editora, 2017.

ICMBio. **Rol de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação** – ROVUC/ Allan Crema e Paulo Eduardo Pereira Faria. Brasília: ICMBio, 2018.

ICMBio. **Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação**: com enfoque na experiência do visitante e na proteção dos recursos naturais e culturais. Brasília: ICMBio, 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação**. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Diretoria de Áreas Protegidas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

MONTEIRO, A.K. (2024). **Solicitação de informações**. E-mail pessoal enviado para Carolina Müller. Em 26 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Regulamento do Jardim Botânico de Florianópolis**. (s/d). Disponível em: [https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06\\_12\\_2022\\_9.57.29.ccc1db4a4b3d-0041155cb676971ffd40.pdf](https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2022_9.57.29.ccc1db4a4b3d-0041155cb676971ffd40.pdf). Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

Relatório Interno. **Relatório Ambiental Prévio - RAP**. Hardt Planejamento e Ecotécnica, 2015.

RODERJAN, C.V. *et al.* **Diagnóstico da Cobertura Vegetal da área do empreendimento Campus Integrado Pequeno Príncipe**. Curitiba/PR. Relatório apresentado à Direção Cooperativa da Associação Hospitalar de Proteção à Infância Dr. Raul Carneiro. Setembro, 2014.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE, URBANISMO E SUSTENTABILIDADE. **Preserva POA**. Como conviver em harmonia em praças e parques de Porto Alegre. Prefeitura de Porto Alegre. 2021. 20p.

Pequeno Príncipe Norte é a nova unidade pediátrica do Complexo Pequeno Príncipe. Serão 200 mil metros quadrados dedicados às crianças e adolescentes, com foco na saúde, pesquisa, ensino, meio ambiente e arte. Além de hospital, no local serão construídas as novas sedes da Faculdade Pequeno Príncipe e do Instituto de Pesquisa Pelé–Pequeno Príncipe.

[WWW.HOSPITALPEQUENOPRINCIPE.COM.BR](http://WWW.HOSPITALPEQUENOPRINCIPE.COM.BR)



COMPLEXO  
pequeno  
PRÍNCIPE